**BATATINHA**

Oscar da Penha, (1924-1996), recebeu o apelido de Batatinha na Rádio Sociedade da Bahia, década de 1940, em um programa de auditório conduzido pelo jornalista e compositor Antônio Maria, nos idos da PRA-4. O nome ganhou corpo, dando vulto à sua carreira de cantor e principalmente compositor. Segundo poeta e também letrista José Carlos Capinan, Batatinha era inventor e mestre, alinhado com dois outros monumentos do samba, Cartola e Nelson Cavaquinho, com composições de rara beleza, mas, infelizmente, ainda pouco conhecidas e divulgadas.

Ele foi o primeiro compositor a inventar o samba-receita, notabilizado na canção O Vatapá, e o pioneiro a introduzir elementos da capoeira na canção popular nos anos 50. Batatinha fez samba de alto nível fundamentado na tradição do samba de raiz baiana, composto ao toque da caixinha de fósforo, um repertório cheio de cores e alegria, mesmo se cantasse a dor. A geração de compositores que revelou Batatinha, trouxe a público outros nomes como Armando Sá, Miguel Britto, Renato Mendonça, Jairo Simões, Tião Motorista, entre tantos outros, e, certamente inspirou uma nova onda que inclui na atualidade Riachão, Edil Pacheco, Ederaldo Gentil, Gereba, Gerônimo, Vevé Calasans e uma parcela de herdeiros dos ritmos de origem africana.

Desde cedo, aos 10 anos, começou a trabalhar como aprendiz de marceneiro para ajudar em casa, já que vinha de uma família de mais nove irmãos. A partir dos 15 anos, começou a circular no meio musical da Bahia, trabalhando ao mesmo tempo como office-boy e em seguida tornou-se gráfico nas oficinas dos Diários Associados onde funcionavam os jornais Diário de Notícias e Estado da Bahia e a Rádio Sociedade.

Começou a cantar na rádio, em 1944, no programa Campeonato de Samba, com a ajuda do pernambucano Antonio Maria. Procurava valorizar seu lado de intérprete apresentando suas composições como se fossem de outros autores, e assim Oscar da Penha virou Batatinha, uma revelação na emissora. Seus sambas passaram a fazer parte do repertório da Rádio Sociedade da Bahia, a principal da região norte/nordeste, e ecoaram pelas vozes de artistas como Jamelão, Maria Bethânia, Nora Ney e Tião Motorista. As maiores influências no início da carreira de Batatinha eram de Wilson Batista, Noel Rosa, Aracy de Almeida e Ciro Monteiro. Ele participou durante toda década de 50 do concurso de composição para o carnaval de Salvador promovido pela Rádio Sociedade. Apesar do sucesso de seus sambas carnavalescos, ele nunca conseguiu vencer nenhum concurso.

A primeira gravação nacional foi o samba Jajá da Gamboa, em 1957, na voz de Jamelão, que volta e meia circulava pela Bahia, entre os sambistas da terra. Três anos mais tarde, o cineasta Glauber Rocha lançou o filme Barravento, o samba de Batatinha, Diplomacia, na trilha sonora, cantado por um pescador (interpretação de Antônio Pitanga): “…Meu desespero ninguém vê/ sou diplomado em matéria de sofrer…”.

A partir de 1965, sua música conquistou maior dimensão na voz de Maria Bethânia, que gravou o LP intitulado Maria Bethânia. No repertório, incluiu duas canções de Batatinha numa mesma faixa: Só eu sei e Diplomacia. No disco Rosa dos Ventos, mais três canções: Toalha da Saudade, Imitação e Hora da Razão. Em depoimento, “Gosto de Batatinha, como gosto da luz da lua, do som do tamborim, do samba em tom menor, das coisas tristes e simples. Batatinha pra mim, é uma pessoa rara, um artista”, comentou a cantora que em 1972, ainda gravou o disco Drama, incluindo outro samba do mestre: O Circo. Ao que parece, Bethânia foi uma das maiores difusoras da obra e da memória de Batatinha.

Somente em 1968, Batatinha gravou com o seu jeito e sua voz o seu primeiro disco, intitulado Batatinha Futebol Clube. No disco Samba da Bahia, o depoimento do sambista carioca Paulino da Viola expressa o perfil do compositor: “Batatinha, um simples cidadão de Salvador, gráfico, casado, pai de muitos filhos, alisa a cabeça branca e sorri. Apanha a caixa de fósforos e desfia seu rosário – é assim que se diz no samba – para a felicidade daqueles que têm o privilégio de estar perto dele e conhecê-lo. Eu o coloco ao lado de um Nélson Cavaquinho e um Cartola, no nível da poesia popular mais pura. Digno representante do samba mais verdadeiro que conheço”.

O samba baiano teve em Batatinha o seu maior poeta e compositor de mais de 100 canções. O gráfico aposentado Oscar da Penha, faleceu em Salvador, aos 72 anos, sem nunca ter conseguido em vida o sucesso relativo à qualidade da sua obra. Apenas teve registrado dois álbuns em toda sua trajetória artística. Reconhecido pela crítica especializada e por nomes da Música Popular Brasileira (MPB) teve diversas composições gravadas também por nomes como Caetano Veloso, Nara Leão, Jair Rodrigues, Moraes Moreira, dentre outros.

Batatinha nunca parou de trabalhar mesmo depois de aposentado. Morreu em 3 de janeiro de 1997, deixando uma família grande. E, para ela, o tesouro: de sua obra, seus sambas, que ele guardava na memória como um velho griot. Seus filhos e netos preservam o brilhante legado. Apesar do filme Poeta do Samba ser uma referência, sua memória ainda estar por ser registrada devidamente na história da música popular brasileira.

Fontes de referência

Batatinha. In Guerra, Guido. A Noite dos coronéis (entrevistas). Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. 2005. p.257-271.

Florisvaldo Mattos. Revista da Bahia, Nº 24, páginas 24 a 29, Salvador: setembro de 1997.

Jajá da Gamboa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t5ndd3eYFRc>>

Revista raça. Edição 150, 2016. <https://revistaraca.com.br/o-sambista-batatinha/>

Poeta do Samba. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nd4tWQdeQWY>>

Portal last.fm. disponível em: <<https://www.last.fm/pt/music/Batatinha/+wiki>>